

Apresentação: Dos discursos espectrais às práticas discursivas de resistência

Julia Almeida (Ufes)
Roberto Leiser Baronas (UFSCar)
Micheline Mattedi Tomazi (Ufes)

Na última década, a sociedade global tem sentido o impacto da disseminação nas redes sociais de discursos mentirosos, difamatórios, intolerantes e negacionistas que têm afetado o mundo em áreas sensíveis como a saúde e a política, com intervenções cada vez mais diretas nas democracias. Governos têm buscado responder a essa crise da comunicação propondo leis de regulamentação de plataformas e aplicativos sociais e investindo na educação para as mídias.

As Humanidades também reagem a essa escalada de discursos extremistas, produzindo pesquisas e teorizações importantes para seu entendimento e combate, em geral conhecimentos distribuídos entre áreas como a comunicação, a linguística, a análise do discurso, a sociologia, a filosofia, a educação etc. Alguns resultados dessas pesquisas têm sido compartilhados com áreas vizinhas, como os de pesquisadores da comunicação e jornalistas (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) que tendem a ressaltar a complexidade do fenômeno utilizando-se do termo “desordem da informação”, para dar conta dos distintos conteúdos envolvidos, como a deliberada criação e partilha de falsas informações, o inadvertido compartilhamento de informações incorretas e a publicização e a alteração de informações privadas em vazamentos e discursos de ódio.

A filosofia e a epistemologia têm enfatizado o papel da cognição na adesão ou não dos intérpretes, investigando se há crença na verdade desses conteúdos ou ignorância e vícios intelectuais, mas há na filosofia política quem (ROUSSIN, 2023) desloque o foco da crença errônea na veracidade do conteúdo para a expressão política, a violência das emoções e dos posicionamentos, permanecendo os intérpretes impermeáveis à checagem de fontes e dados.

A linguística tem dado sua contribuição em alguns textos fundamentais como *The language of Fake News*, de J. Grieve e H. Woodfield (2023) que busca descrever linguisticamente notícias verdadeiras e notícias enganosas, através de algumas variantes sociológicas (número de substantivos, tamanho de vocábulos, nominalizações etc.) que aparecem mais ou menos em *corpora* de textos controlados. Na análise do discurso brasileira, a coletânea *Discurso e (Pós)Verdade* (CURCINO, SARGENTINI, PIOVEZANI, 2021) permite levantar a questão dos enunciados mentirosos como funcionamentos discursivos, sempre conformados aos regimes de verdade que as épocas estabelecem, e particularmente a

nossa, em que cresce a suspeição e o ceticismo sobre discursos consolidados nas ciências e suas instituições.

Também na análise do discurso, Diana Luz Pessoa de Barros, em “Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola” (2019), faz um levantamento de seus trabalhos sobre discursos intolerantes de diversos tipos (racista, sexista, purista, fascista, separatista), em gêneros diversos, levantando procedimentos e estratégias desses enunciados. Lança bases para o entendimento dos discursos mentirosos a partir dos contratos de veridicção da semiótica discursiva de Greimas, lembrando que muitas vezes esses discursos servem para a desqualificação de sujeitos. Para Barros, a escola é fundamental na formação de alunos que sejam bons leitores, promovendo interpretações que reforcem a via racional e apontando as estratégias emocionais e sensoriais acentuadas nos textos mentirosos e intolerantes.

Nossa coletânea *Fake News: abordagens discursivas* (ALMEIDA; BARONAS; 2023) também oferece uma modesta contribuição ao tema, a começar pela tradução do texto fundamental de Juliette Roussin, “Fake news: um problema de crença”, e pelos experimentos que fizemos em torno de sua hipótese de base: a expressão política é a grande motivação para a adesão e o compartilhamento de textos mentirosos (e intolerantes), resultando na ineficácia da checagem em muitos casos. Nossos textos procuram lançar bases para o entendimento do fenômeno a partir de conceitos de Marie-Anne Paveau (2013; 2015), como pré-discursos e virtude discursiva, que permitem aprofundar a hipótese de Roussin sobre o papel das crenças e valores dos agentes na interpretação das *fake news*.

A maioria dos trabalhos em linguística e mais particularmente dos estudos do discurso está dispersa em revistas acadêmicas e outras publicações, tornando difícil o acesso ao conjunto das contribuições da área ao tema. É nesse sentido que propomos o presente dossiê, que examine aspectos linguísticos, textuais, discursivos, enunciativos e técnicos da produção e circulação de discursos de ódio, de desinformação e *fake news*, de discursos negacionistas, de discursos antigêneros, racistas, aporofóbicos etc., assim como as emergentes e necessárias formas de contradiscurso e suas práticas discursivas de ressignificação, revascularização e resistência a essas retóricas extremistas e antidemocráticas.

Nos parece que este é o grande diferencial teórico-metodológico deste dossiê, se comparado a outros já existentes, é não apenas descrever o funcionamento discursivo desses discursos, que por falta de uma melhor designação poderíamos chamar de espectrais, tarefa deveras pertinente e relevante socialmente, mas de engendrar práticas discursivas de

resistência¹ a esses discursos. Sinopticamente e, correndo todos os riscos que tal sumarização implica, designamos os discursos de ódio, de desinformação e *fake news*, os discursos negacionistas, antigêneros, racistas, aporofóbicos, etc. como espectrais, pois são discursos cuja presença na nossa sociedade é (in)corpórea; fantasmagórica e, conseqüentemente, perigosa e ameaçadora. Na mesma direção, Hélio Oliveira (2021a; 2021b) tem pesquisado discursos de ódio e negacionistas como atópicos, isto é, sem um lugar autorizado socialmente, parasitários de outros gêneros, ocultados (muitas vezes pelo anonimato).

Procuramos, com esta proposta, evocar diversas subáreas da linguística, que podem assim oferecer suas contribuições a essa demanda premente das sociedades democráticas. Incluímos os aspectos técnicos na chamada para sinalizar e fomentar trabalhos que investiguem aquilo que sabemos por experiências próprias: os algoritmos não são neutros (são aporofóbicos, gordofóbicos, politicamente posicionados etc.). Inserimos também os contradiscursos no intuito de repertoriar as estratégias de resistência que têm sido propostas, como campanhas massivas de desmentido contra enunciados difamatórios que disputam a hegemonia e estabilização de narrativas.

A primeira satisfação que tivemos ao lidar com os textos submetidos à nossa chamada foi ver um número significativo de pesquisas sobre discursos mentirosos e intolerantes, resultando na aprovação de 14 textos que aqui estão reunidos². Esta amostra nos parece bastante representativa do que tem sido produzido no Brasil sobre esses discursos, já que pesquisadoras (em maioria) e pesquisadores de todas as regiões do país estão aí contemplados. Também há uma grande diversidade de gêneros do discurso e plataformas pesquisadas (notícia digital, comentário e postagens no Instagram, no Facebook e no Twitter, live no Youtube etc.) e diversos enfoques evocados para constituir modos de análise: da Linguística Textual à Pragmática, passando pela Análise de redes, com maior peso em abordagens discursivas (M. Pêcheux, D. Maingueneau, N. Fairclough etc.). As temáticas também não são restritas: da desinformação à

¹ Entendemos a noção-conceito de resistência com base em Pêcheux (1990, p. 16) para quem as resistências são: “não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira, que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras da sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido. E através dessas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho, de motim e de insurreição: o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição”.

² Optamos por não apresentar cada um dos textos aqui publicados, pois, por um lado, cada artigo traz na sua organização um resumo que o circunscreve e, por outro, essa apresentação poderia influenciar a maneira como os/as nossos/as leitores/as poderiam adentrar no dossiê.

impolidez, do discurso militarista às postagens anticientíficas, do racismo em notícias digitais à progressão temática em discursos de Jair Bolsonaro, tudo nos leva a crer na qualidade do material e no sucesso do dossiê que ora segue para o público. Esperamos que essa variedade de enfoques e temas possa dialogar na busca por mudanças discursivas neste momento político e possa também fomentar cursos, novas pesquisas, dissertações e teses, artigos de divulgação científica, material didático e estratégias pedagógicas. Será cumprido, assim, seu potencial de resistência e de marcha da diversidade em um mundo que parece retroceder. Por último, registramos um agradecimento especial a todos/as os/as pareceristas pelo apoio imprescindível na avaliação dos textos aqui publicados.

Referências

ALMEIDA J.; BARONAS, R. L. (Org.) **Fake news: abordagens discursivas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

BARROS, D. L. P. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. **Estudos Semióticos**, v. 15, n. 2, São Paulo, p. 1-14, dez. 2019.

CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (Org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

GRIEVE, J; WOODFIELD, H. **The language of fake news**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

OLIVEIRA, Hélio. O discurso de ódio: polarização e limitação do outro. In: VILELA-ARDEGHI, Ana Carolina; SALGADO, Luciana Salazar (Org.). **Língua, linguagem, interfaces**. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2021a. p. 27-53.

OLIVEIRA, Hélio. O “Gabinete das Sombras” e o discurso negacionista no Brasil: **Cadernos de Linguística**, v.2, n. 4, p. 1-21, 2021b.

PAVEAU, M-A. **Linguagem e moral**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2015.

PAVEAU, M-A. **Os pré-discursos: sentido, memória e cognição**. Tradução de Greciely Costa e Debora Massmann. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. de José Horta Nunes. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 19, Campinas, jul./dez. 1990.

WARDLE C.; DERAKHSHAN D. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

Entre Vitória, ES, e São Carlos, SP, primavera de 2023.